

# Baú das minhas lembranças!

O desafio da minha escrevivência talvez seja o maior de toda a minha vida. Tirar do baú das minhas lembranças as dores, saudades, risos, choros e todos os sentimentos reprimidos que meus anos de vida guardam. Nasci no ano de 1973 na cidade de Eunápolis, Bahia, filha de uma adolescente de 17 anos e mãe solteira. Cresci no lar dos meus avós e recebi dos mesmos seus nomes como pais, afinal, era inadmissível uma família ter uma filha mãe solteira em casa. Minha mãe conta que meus pais (avós) não a queriam em casa, então ela entregou para eles sua filha recém-nascida e foi trabalhar e morar sozinha. Não tenho muitas lembranças da minha infância e, as que tenho, são a partir dos meus sete anos.

Aos sete anos perdi meu avô para um infarto e meu mundo caiu, literalmente. Vi minha avó ficar trancada em um quarto por dois anos e, ao sair dali, ela teve que enfrentar todas as adversidades da vida presente. Isso não quer dizer que ela não tivesse enfrentado anteriormente, até porque ela também tinha sido mãe solteira de dois filhos antes do meu pai (avô) morar com ela. Vivi e cresci com a casa cheia de crianças e mulheres fortes, guerreiras e que lutavam diariamente para trazer o pão de cada dia.

Entrei na adolescência e tive aqueles velhos problemas que nós mulheres sofremos: hormônios, desejos, religiosidade, violência psicológica. O mais divertido é que não namorei cedo, preferia brincar de bola, gude, baleado, pião, estilingue (bodoque) e tudo que fosse brincadeira de menino, por isso era chamada de Maria João, menina macho. Gostava de ser menino, porque eles podiam tudo e nós, meninas, nada. Tinha que andar, vestir, falar, ter postura como uma boa menina, mas eu queria mesmo era andar de bermuda, calça, camisa de homem, cabelo curto e brincar, brincar com os meninos da minha rua.

Na minha infância conheci e frequentei, com minha avó, terreiros de umbanda e candomblé, e tudo que envolvia religião de matriz africana. Brincava de tocar tambores na casa de minha tia que era filha e protetora dos tambores da casa do seu pai. Naquela época não me diziam que era pecado ou abominação ir a um terreiro, não existia o sincretismo religioso na minha vida. Mas como saber se naquela época eu estava certa ou errada, eu era apenas uma criança! Posso ousar a afirmar que já conhecia o significado da palavra religião na prática. Aprendi que toda crença na existência da força ou forças sobrenaturais não eram pecado, e todas as manifestações dessa crença e rituais eram normais. Minha vida seguia tranquila como a vida de uma criança que ainda não estava moldada pelos estereótipos da sociedade.

Ainda por terminar.

Erick Cristian Carneiro

# As minhas lembranças

Eu guardo tantos momentos de afetos, de lembranças boas desde a infância e adolescência. Porém, como alguém que mora em Favelas do Rio, também guardo muitos históricos com contextos dolorosos que, ao mesmo tempo que te traz a dor, te traz trás a força da resistência em busca de mudanças.

Gosto de guardar as lembranças de festas culturais que ainda resgatavam e guardavam histórias de culturas do nosso povo que, com o tempo, foram se perdendo; hoje já não se comemora mais como antes as folias de Reis, que eram presentes em minha vida; as festas juninas tradicionais... O progresso que chegou no Complexo na década de 80 foi afastando nosso céu estrelado, escondendo nossos vaga-lumes que bailavam na escuridão das ruas. Sinto falta dos momentos em que brincávamos de roda. Hoje já não se vê mais as crianças brincando, o rodar dos piões, as amarelinhas, as bolas de gude... Saudades.

Hoje se restou o medo de caminhar a noite, de ir na cachoeira pegar girinos. O progresso é bom, a tecnologia é maravilhosa; porém temos que evoluir sem nunca esquecer dos momentos inesquecíveis da nossa infância e juventude, da história da liberdade antes conquistada e, agora, limitada por uma violência de quem deveria trazer segurança. Na minha mente transita o ontem e o hoje, que ainda deveriam estar em evolução, mas nunca perdendo de vista o que os antepassados viveram. Por isso a importância do resgate da nossa ancestralidade na nossa vida.

Nossos jovens precisam saber como foi nossa jornada e valorizar a troca de saberes. Uma coisa que quero sempre é guardar esse respeito aos meus que vieram antes de mim porque é através da história deles que resistimos, existimos e crescemos como pessoas mais empoderadas.

Lúcia de Fátima Oliveira Cabral